



Metamorfoses da santidade de um santo irrequieto. “Como um vento de morte e de ruína”: disforias anterianas

PALAVRAS-CHAVE: disforia, paráfrase poética, dualidade, mutação, santidade.

KEYWORDS: disphoria, poetic paraphrase, duality, mutation, sanctity.

Se a semelhança com Deus devolve ao Homem a santidade de forma ontológica, este ato purificador se intensifica na vocação à poeticidade para uma vida voltada ao confronto entre a interioridade e a executabilidade de um proselitismo, também, político e idealista. A recepção da graça pela expressão poética e da aplicabilidade pragmática de concepções sócio-políticas engendra uma dualidade conflitante no ser que à semelhança do divino se biparte entre a ação e a doutrina. Esse conflito se parece com o sacrifício da divindade e cresce na oração-poesia, nos atos de virtudes engajados na consagração dos santos sacramentos durante a visibilidade pública. Quanto a isso é que se vislumbra a dita santidade de Antero de Quental, pela voz de Eça de Queirós.

Ao se sobrevoar as palavras de Antero, avista-se, pela experiência da leitura e da interpretação, ou pela paráfrase poética, a recomposição dos estatutos de sua poética e assim deparamos com ...

O cavalheiro andante dos sonhos e dos meandros do pensamento, por desertos sob sóis e noites, que às escuras discorre os seus versos num mundo, seu, exangue. Qual o calvário a ser perscrutado por esse paladino do amor, que busca anelante o Palácio Encantado da Ventura?

Conheceu a Beleza ideal, e também, imortal e assim do alto do mais alto píncaro, a olhar o mágico mar ancestral e mudo, consagra o seu minguar, fundindo-se com a luz que jorra de seus ritmos interiores. Atônito pede às musas a forma pura, a ideia mais nítida, mas tropeça nas sombras em projeção da matéria impura na busca de linguagens do devir poético.

A imperfeição se lhe apresenta num encontro mágico e tenebroso, transmutada na fronteira do essencial desafio da expressão.

Em suas mãos a pena vacila sobre a folha ainda branca, o coração pede, a mente ordena, o verso sai-lhe em sangue, em gotas. A derrota, traiçoeira, o apavora, soluça ... a mão aperta o peito e num gemido pranteado irrompe no azul purificado pelo desejo escritural tão pestilento. Inaugura uma nova visão do infernal. Arrebatado, num largo voo, seu verso titubeia e sai da tinta tal qual um hálito rude e queimador.

Agora a natureza apresenta seu rebento “com a mão seca e fina da velha raça”, no dizer de Eça de Queirós, e eis o poeta, esbelto em sua natureza corpórea, que lhe dava beleza física, além de ser psicologicamente o carteiro do ideal, aquele que encarava as suas contradições de santo e homem e metamorfoseava a sua vida em alternâncias de momentos de meiguice e de rudeza diante do pasmo daqueles que o circundavam. No entanto, a influência sobre os companheiros, reflexo de uma extraordinária inteligência, e de um caráter petrífico e retilíneo, nada o fazia ficar indiferente aos humildes e às vicissitudes da pátria e assim sua mente se dilacera e a voz sussurra ondulante lenta e terna... (cf. Bandeira, 1942: 14).

Antes vivesse na floresta dos sonhos. O pensamento dorido, este sim, o pode conduzir a regiões insólitas, vago esquecimento que o conduz à fantasia. Mutante santidade de calma num dado momento, repleto de místicos desejos que o enlouqueceram: era o nirvana búdico que sua alma de artista procurava? ... a imensidade dos abismos espirantes. Que ermo espaço se lhe apresenta nessa viagem sem volta? O amor à escrita acalma-lhe o ser. A verdade onde está?? Onde está a santa verdade?! Só encontra o nada, num fundo de poço úmido e morno! Ruína!

Constrói em projetos de metamorfoses metafóricas transitáveis pelas grandes mitologias da poesia passional, tais como a Dor, o Desalento, a Dúvida, a Morte, a Pátria e o Desespero (cf. Fontanille & Zilberberg, 1998: 383), ainda o seu temperamento revolucionário empreende outras investidas do Ideal à procura de uma coerência, de um equilíbrio, desconcertantes, no entanto, o santo fraqueja, fracassa no medo à loucura.

Tudo isso se projeta num discurso lírico com características centralizadas no desdobramento do imaginário, na transmutação da gênese em apocalipse do abismo entre a vivência santificada e a vivência intelectualizada. Estes sim, dois sujeitos simbióticos marginalizados pela afetividade das semióticas das paixões fundamentadas no espaço passional e patêmico do texto e dos estados de alma, no embate entre a ação e a paixão, entre o agir e o sofrer e entre a razão e o sofrimento.

Se houve paixão, esta foi solitária, plena de desatinos que o seu poema revela com marcas do vivenciar que pelo verso mantém a contrução de um precipício actancial favorecido por uma verbosidade, um versalizante da semântica das disforias.

A Justeza da Idéia isola-se em tons de conflito de uma individualidade que apelava para a santidade de caráter e postura. Resvala na “santidade tradicional, voltada para a transcendência

ao humano e por uma santidade nova, revolucionária, constantemente unida ao poeta e aos símbolos ou emblemas da razão, da luz, do sol” e assim para tanto (Saraiva & Lopes, s.d.: 861).

Não houve nenhum filósofo, transmutou-se no poeta da dor ôptica ... Esta, a dor de toda a humanidade que seus versos tentaram abarcar. O verbo, a palavra, o som fremente morrem na garganta, mas rescuperam-se no soneto. Ah! a idolatria da forma primorosa de versejar. Cantar as urzes deste calvário, da existência, da inquietude, da ansiedade, do pulsar do coração no ouvido, ouvir o som surdo das arritmias. Agora a testa está fria, o poeta olha pela janela, o casario contorna a rua e desaba no atlântico. Quantas ilhas ao seu redor e atrás delas do mundo, mas qual o mundo que ele quer, a miragem?!

Que suplício é a febre deste Ideal, que o consome. O gênio da morte recolhe-o, leva-o amparado até ao Palácio da Ventura e da desventura de existir. Ruína! Que Fado é este, carregar este corpo, esta alma, esta dor e este pensar que é fogo e é luz nesta noite tão amada dos sobressaltos. Os sonhos, ah! os sonhos, o que é a vida? Que rebuliço é este, nesta santa madrugada? Resta agora, pouca luz, somente a da candeia. Larga a pena, abandona o papel, percorre o quarto. Esta é a antemanhã do nada que se aproxima, este é o tempo abismal, e esta uma cabeça que arde. Cruelmente o ânimo se extingue ... o dia se aproxima!

Procura a razão de tanta nulidade: Diderot, Herder, Rousseau, Goethe, Schiller, Kant, Sócrates, Hegel ... a identidade do ser e do saber. Agonia do conhecer, reconhecer o tempo que subordina todos os seres às leis da razão. A razão! Que é então conhecer? Qual é a natureza do sujeito pensante? O aniquilamento, a destruição de tudo? Antes não tivesse nascido!! Silêncio ...

O crítico Fidelino de Figueredo reflete uma das metamorfoses da sequência anterior. “O hegelianismo, nebuloso e às vezes astucioso iniciou Antero na especulação metafísica, para que era superiormente dotado, deu-lhe forças de luta para construir um novo credo, após o terremoto da fé tradicional, e, com essa sua inflexão democrático-social e humanitária, deu-lhe também estímulos para a ação otimista” (Figueredo, 1942: 93). No entanto é Deus que ele procura, vê-lo, olhá-lo, observá-lo. Ainda Fidelino: “Neste período, o sacrifício de Jesus já não lhe parecia inútil, como antes, porque Jesus era agora o avô longíquo de todos os revoltados” (*ibid.*: 93).

Mas é a transcendência da matéria que ele procura e outra metamorfose se desencadeia na séria poética do autor ...

Ah! Deus! Se Deus fosse possível, seria este ser que vos fala, absolutamente livre. Tudo é tão real e irreal ao mesmo tempo, absolutamente verdadeiro e falso ao mesmo tempo?! Onde estará a plenitude, no cantar?! Só pela razão o homem é verdadeiramente. Somente reinam os resquícios do Sofrimento, da Paixão, da Dúvida e do Mal em Torrentes de Dor que nunca param, nunca cessam! As súplicas tomam formas no verbo velado, o poeta é o silencioso intérprete sangrando das coisas invisíveis. Será a dor invisível?! O desengano foi demais, existir foi demais!!

A compreensão, ou melhor, a busca da compreensão de um Deus longínquo da História do Homem e da humanidade, como então reescrevê-la? Se a estrutura celeste se afasta cada vez mais em consonância com um *Deus otiosus*, retirado da criação por vontade própria, afastado das questões que são tantas, como sentir, então, a sacralidade da vida a ser redescoberta, pelo Ser, pela Dor ou pela Morte?! (cf. Eliade, 1992: 103).

Da Santidade e suas mutações vai-se à liturgia de ser outros papéis na cultura e na experiência vivencial íntima, na desenvoltura nunca alcançada, na busca com desconcertos e desempenhos úteis, no fracasso e no insucesso. A luz do ideal sempre a alcançar e nunca alcançada, a irretudibilidade pessoal, a face das imperfeições, as figuras e suas transmutações aos olhos da criação intelectual poética, veiculada pela habitual passagem pela rua até aquela praça, testemunha transcendental da indisposição contemplativa, e ele a se esquivar dos semblantes daqueles transeuntes que passam ... passam como efigies sem recuperação, brutalmente parte, abdica ... a metamorfose é agora mutação do físico e da mente (cf. Coutinho, 1978: 21-22).

Restam-lhe a perplexidade, a realidade, o real, a ficção, a cegueira, a esterilidade, a demolição, a outorga do viver, a face a ser vista e a fisionomia nunca revelada, em busca de um não-ser e ser registrado num vasto repertório de escrita metafórica das quimeras, da identificação com a morte, de um olhar desenxistenciador, a propor um tempo a abismar-se, para tanto a nominalidade das dores no texto e no tempo da escrita repostam-se à homologação de um desfecho na figura do Silêncio (cf. *ibid.*: 183).

Neste momento, no corredor a luz da manhã percorre as paredes e o chão. Ouvem-se passos sepulcrais ...

Ela aparece, penetrando estática no recinto. Depois de tanta luta, o sossego ... Descansa em paz o seu coração, o coração, este tão combalido, vagabundo, deserdado ... as portas abrem-se em ouro para toda a rua. Um longo suspiro resignado ecoa no silêncio e na solidão. A solidão, companheira dos lastimosos, dos cativos do indecifrável mistério do existir ... que largo vôo o espera para penetrar jubiloso na esfera onde vivem as almas que se adoram ... Sorte daqueles que moram livremente entre os astros, numa eterna primavera ... Para ele não! O corpo uma prisão! Para fugir num raio de luz não há tempo ... Despedida, Ruína! ... Tudo Ruína! ... um pouco mais de Razão e a alma será livre, mas é submissa do sonho! ...

Clamar, Óh! Deus grande, óh Deus forte ... Óh! Deus terrível! ... Antes não tivesse nascido ...

Segue erecto por toda a rua, caminha lentamente, convicto ... Conclusão: o poeta é um triste, a tristeza é da poesia ... O Gênio da Noite o acompanha ... a praça ... é lá!

Os que amou onde estarão, idos dispersos, arrastados nos giros dos tufões, levados, como em sonho, entre versos, na fuga, no ruir dos universos. Para um momento ... lá está a praça esperada ... onde haverá flores e encantos e também o pó e as cinzas ... tudo tão claro como a luz e a primavera como o mundo, as sombras e os quebrantos ... porém os sentimentos, estes sim, penam, torturam-se repetidamente.

A santidade nova de Antero esse Santo irrequieto devoto da renovação do mundo, do mundo português finissecular, era a santidade no dizer de Eça, do imenso da verdade, da vasta obra em profundidade. Santidade de um messias advindo, revivido e condutor, em trâmites metamorfosados de justiça e bondade, cativante e rebelde, misto de bondade e explosão, desbravamento e reconhecimento, forças de atração e repulsão ... “a lira divina de sete cordas” ... amaldiçoada pela Luz e pela Escuridão, homem do seu tempo, e do sem-tempo ... atemporal em tudo, infinitamente vivo e cru.

E assim, na mão de Deus, na sua mão direita, descansou afinal este coração, sobrevivente do Palácio Encantado da Ilusão, desceu a passo e passo a estreita escada da resolução. Carregava nas mãos flores mortais, também se enfeitou com elas de maneira transitória e imperfeita ... Agora tudo são selvas, mares e areias do deserto ... Dorme Antero, dorme enfim teu sono, teu coração está liberto finalmente. Dorme Antero, dorme na mão de Deus eternamente!!

Bibliografia

- BANDEIRA, Manuel (1942). “Prefácio”. In *Sonetos Completos e Poemas Escolhidos*. Seleção, revisão e prefácio de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Livro de Portugal.
- COUTINHO, Evaldo (1978). *A Visão Existenciadora*. São Paulo: Perspectiva.
- ELIADE, Mercea (1992). *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- FIGUEREDO, Fidelino de (1942). *Antero*. São Paulo: Departamento Municipal da Cultura.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude (1998). *Tension et Signification (Philosophie et language)*. Sprimont – Belgique: Mardaga.
- QUENTAL, Antero (1886). *Os Sonetos Completos de Antero de Quental*. 1ª ed. Porto: Livraria Portuense de Lopes.
- RIBEIRO, Maria Aparecida (1994). “A Geração de 70”. *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. VI. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- SARAIVA, Antonio José & LOPES, Óscar (s.d.). *História da Literatura Portuguesa*, 5ª ed. corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora.

.....

RESUMO

Através do mote “Como um vento de morte e de ruína”, foi discorrido um texto polifônico e polidiscursivo, no qual aparecem, dentro de uma ordenação motivada e parafrásica que procurou mostrar o clima disfórico dos sonetos de Antero de Quental, amostras das metamorfoses dos grandes momentos da poesia do poeta-Santo, bem como a dramatização poética dos últimos momentos de sua vida.

ABSTRACT

Through the moto “Like a wind of death and ruin,” a polidiscursive and polyphonic text was built, in which appear - within a motivated and parafrastic order that shows the dysphoric tone of Antero de Quental’s sonnets - samples of the metamorphoses of the great poetry moments of the Saint-poet, as well as the poetic drama of his last moments.

